

5.º CONFERÊNCIA  
**INTERNACIONAL**  
DE CINEMA DE VIANA

**PROGRAMA**



**XVI ENCONTROS  
DE CINEMA**  
VIANA 10 A 15 MAIO 2016

**5.ª CONFERÊNCIA  
INTERNACIONAL  
DE CINEMA DE VIANA**

**PROGRAMA**

---

**12 de maio . Escola Superior de Educação**

---

**09h00 / 10h00**

Receção aos participantes

**10h00 / 10h25**

**Anfiteatro**

Abertura

**10h30**

**CINEMA E ESCOLA**

**Anfiteatro**

10h30\_Sessão 1

14h30\_Sessão 2

17h30\_Sessão 3

**CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA**

**Sala 12**

10h30\_Sessão 1

14h30\_Sessão 2

17h30\_Sessão 3

---

**13 de maio . Escola Superior de Educação**

---

**09h30 / 12h30**

**WORKSHOP**

**POR DENTRO DO FILME – COMO LER UM FILME**

**Anfiteatro**

**14h30**

**MESA REDONDA**

**CINEMA E EDUCAÇÃO**

**Anfiteatro**

# PROGRAMA

12 de Maio

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

Temática

## Cinema: Arte, Ciência e Cultura

O cinema é, desde sua invenção, fruto de uma sociedade que ele reproduz e reinventa. Considerado espelho da sociedade, o cinema traça as evoluções e as revoluções de um mundo em mudança. Ele próprio sujeito e causa de múltiplas mudanças. Entre o real e o imaginário, o cinema convida o espetador a refletir sobre o mundo contemporâneo. Quer como produto comercial, filme científico ou como obra de arte os filmes são representações do mundo conseqüentes das tecnologias, dos modos de produção, dos costumes, das formas de governo, das censuras. Nesta temática pretende-se debater o cinema como arte, ciência, tecnologia, cultura mas também os contextos sociais, económicos e políticos em que a continuamente se reinventa. Sobretudo é, como afirma Edgar Morin, importante estudar homem à luz do cinema e necessário compreender que a relação entre real e imaginário no cinema constituem uma unidade complexa e complementar.

Sala 12. 10:30h

Mesa: Maria Elisa Coelho de Almeida Trindade, Fernanda Carlos Borges, Ana Rita Capucho Mendes

Título

## ANOTAÇÕES DE UM DIRETOR. OS ROTEIROS NÃO FILMADOS DE FEDERICO FELLINI

Autoria

ANNA PAULA SOARES LEMOS

UNIGRANRIO/ Duque de Caxias  
annapaulalemos@gmail.com

### Notas biográficas

*Doutora e Mestre em Literatura Comparada na Faculdade de Letras - Depto. de Ciência da Literatura da UFRJ, integra o grupo de pesquisa Formação do Brasil Moderno: literatura, cultura e sociedade, atuando na linha de pesquisa Literatura e Imagem. Professora Adjunta 1 do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, Inter-Humanitas, PPGHCA/UNIGRANRIO. É líder do grupo de pesquisa IMAGEMNO – Imagens, Memórias e Narrativas Oníricas, certificado pela UNIGRANRIO e registrado no diretório da CNPq. Defendeu no Mestrado a dissertação "Ariano Suassuna, o palhaço-professor" publicada pela Editora Multifoco. No Doutorado - com bolsa de pesquisa CNPq e PDEE- Capes - defendeu a tese "Anotações de um diretor: o cinema de Federico Fellini na televisão" com pesquisa feita na La Sapienza di Roma, no Centro Sperimentale de Cinematografia di Roma e na Fondazione Federico Fellini em Rimini.*

### Palavras-chave

Fellini, cinema, televisão, Veneza, O Ator, Mandrake

### Resumo

O foco do artigo está na perspectiva autoral do diretor Federico Fellini que, de forma muito particular e caricatural, é crítica e, como na caricatura, exacerba as fragilidades do rosto do cinema, da indústria cultural e da cultura italiana. Metodologicamente, faremos um close reading das anotações originalmente direcionadas ao projeto Blocknotes di un Regista (Anotações de um diretor), dos roteiros originais dos filmes, dos textos avulsos e desenhos que estabelecem uma arquitetura muito reveladora a partir do não filmado Veneza, O Ator e Mandrake. Fellini faz nos filmes selecionados além da crítica uma homenagem ao ator. Diz ele que o maior erro que um diretor pode cometer é querer adaptar o ator ao personagem: "Eu faço o contrário, me esforço para adaptar o personagem ao ator". Assim, cada uma dessas anotações não filmadas traz peculiaridades deste mago do cinema. No projeto do filme Veneza, por exemplo, Fellini trabalhou

muito tempo antes de setembro de 1992 (data em que o primeiro tratamento de roteiro foi entregue). Desde 1975-76, quando trabalhava no filme Casanova, que ele falava sobre isso com os amigos venezianos Andrea Zanzotto, poeta, Carlo della Corte, escritor, Tiziano Riso, dos quais aceitou sugestões e colaborações. Escreveu o roteiro como que para um filme e como possível parte da série televisiva Block-notes di un regista. O texto inédito apresenta, além de evocações literárias, imagéticas e problemáticas de Venezia, um testemunhal satírico de Fellini sobre a televisão comercial italiana e o seu maior expoente Silvio Berlusconi, descrito no ato de comprar toda a cidade e de invadir “o Grande Canal batizado de Canal Cinco”. Assim, faremos nesse artigo, a tradução e análise destas anotações originais do cineasta italiano Federico Fellini.

---

## Título

# A MANIPULAÇÃO DO REAL OU A REPRODUÇÃO DA REALIDADE: AS NARRATIVAS SOCIAIS NOS CINEMAS CONTEMPORÂNEOS CHINÊS E DINAMARQUÊS

## Autoria

TOMÉ SALDANHA QUADROS

tomequadros@usj.edu.mo

Universidade de São José, Macau

## Nota biográfica

*Tomé Quadros licenciou-se em 2003 pela Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa. Desde 2004, reside e desenvolve a sua actividade académica e profissional na Região Administrativa Especial de Macau - República Popular da China. Desde 2010, Tomé Quadros é docente na Faculdade de Indústrias Criativas, Universidade de São José, Região Administrativa Especial de Macau - República Popular da China. Em 2016, obteve o grau de Doutoramento em Ciência e Tecnologia das Artes, especialização em Cinema e Audiovisuais, com a classificação final de summa cum laude 19 valores.*

## Palavras-chave

Autêntico, cinema contemporâneo, ilusão, memória, realidade social construída

## Resumo

“Cinéma par excellence, a language the semantic and syntactic unit of which is in no sense the Shot; in which the image is evaluated not according to what it adds to reality but what it reveals of it.” (Lehman, 1997: 62)

No plano global e na viragem do século XXI, conclui-se que o crescimento económico testemunhado nos últimos 40 anos ficou marcado por acontecimentos cruciais que contribuíram para um novo paradigma social e político. Em 1978 são implementadas reformas económicas que marcam o início da abertura da China ao Ocidente e 11 anos mais tarde têm lugar o massacre da Praça de Tiananmen e a queda do muro de Berlim. Em 1994 emerge o Grupo de Jovens Realizadores de Cinema Experimental da Academia de Cinema de Pequim (Beijing Film Academy Youth Experimental Film Group) liderado por Jia Zhangke; e um ano mais tarde, em 1995, o movimento Dogma 95 (Dogme 95) liderado por Lars von Trier e Thomas Vinterberg é constituído aquando da celebração do centenário da história mundial do cinema.

O real através do olhar fiel de Jia Zhangke em “China, um toque de pecado” e por outro a realidade social construída de Thomas Vinterberg em “A caça”. A presente comunicação intitulada “A manipulação do real ou a reprodução da realidade: as narrativas sociais nos cinemas contemporâneos chinês e dinamarquês” estabelece como ponto de partida a seguinte questão: Em que medida as transformações sociais influenciam a estética do cinema? Em primeiro lugar, este estudo comparativo visa investigar as semelhanças e as diferenças entre o cinema da sexta geração de realizadores chineses e o cinema Dogma 95, quer ao nível da expressão artística quer na forma como o cinema aborda e retrata questões de índole social. Em segundo lugar, estas questões de cariz social referentes a uma sociedade em permanente mutação que são levantadas na “esfera pública”, constroem um espaço de reflexão e conduzem à “modernização da linguagem cinematográfica”.

Através de uma perspectiva introspectiva conclui-se que China e Dinamarca inscrevem-se no mesmo cinema híbrido e global, entre ficção e não ficção, realidades diagética e não diagética, evocam a representação da memória colectiva e individual. Na viragem do milénio, ambos cinemas reinventam e reflectem o cinema vérité, enfatizando as dimensões intrínsecas da realidade e ficção, autêntico ou a ilusão. Uma nova cultura visual foi criada, um novo paradigma cinematográfico foi edificado.

---

## Título

# PEPI, LUCI, BOM Y OTROS MONSTRUOS DEL MONTÓN. DE LA REPRESIÓN A LA CELEBRACIÓN SOCIAL DE LA “ANORMALIDAD”.

## Autoria

ALMUDENA ÁLVAREZ ÁLVAREZ

dorothygale1990@gmail.com

Universidade Fernando Pessoa

## Nota biográfica

*Almudena Álvarez Álvarez (Ourense, 1990), licenciada en Comunicación Audiovisual por la Universidad de Burgos, actualmente cursando estudios de doctorado en la “Universidad Fernando*

*Pessoa” (Oporto, Portugal) con un proyecto de tesis intitulado “La figura del monstruo en el cine de Pedro Almodóvar. De la representación de lo real a la construcción de la realidad del artificio”. Profesionalmente, trabajó en la gestión de contenidos y audiovisual en la Compañía de Radio-Televisión de Galicia (CRTVG) y en la revista de arte contemporánea ARTECAPITAL en la redacción de noticias y otros complementos culturales.*

## Palavras-chave

Movida madrileña, monstruo, travesti, transición, Pedro Almodóvar

## Resumo

En la presente comunicación se analizará el filme Pepi, Luci, Bom y otras chicas del montón (1980) del característico director de cine español Pedro Almodóvar, por ofrecernos una variedad de contenidos para análisis e interrelación entre los mismos. Por un lado, este film pertenece a lo que se ha considerado como la primera etapa de su filmografía, es decir, la controvertida “movida madrileña”. Tras la muerte de Franco tiene lugar una apertura progresiva de las libertades sociales en un momento de confusión política aprovechado por aquellas individualidades que vieron una oportunidad propicia para dar rienda suelta a la imaginación y “crear”. En este momento se produjo una especie de celebración conmemorativa no sólo por las represiones abandonadas sino por las nuevas libertades conquistadas, por el poder de lo inmediato, de lo actual, del ahora. Esta original locura rompe con los tabúes orquestados e impuestos durante tanto tiempo por el aparato represor franquista permitiendo la eclosión del “monstruo”, figura siempre presente que permite el mantenimiento del orden pero que emerge en momentos de liberación o superación de lo “reprimido” para reivindicar sus derechos y su “normalidad”. Se analizará esta particular figura así como sus correspondientes manifestaciones en el filme almodovariano teniendo muy en cuenta este “momento-marco”, único en la historia de España, que nadie como Almodóvar ha sabido reflejar. Etapa, como decíamos, de capital importancia en su cinematografía pues podríamos decir que funciona a modo de manifiesto, desvelando los temas, el estilo y los personajes que lo perseguirán a lo largo de su original obra.

## Título

# ENCENAÇÃO DA CIÊNCIA E DO CIENTISTA NO FILME L'ENFANT SAUVAGE DE FRANÇOIS TRUFFAUT

## Autoria

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

jsribeiro.49@gmail.com

CEMRI – Media e mediações culturais

## Nota biográfica

*Antropólogo, coordenador do GI media e mediações culturais do CEMRI, Universidade Aberta. Colabora com Universidades em Portugal e no Brasil no âmbito da mediação intercultural, das metodologias audiovisuais participativas, da antropologia visual, do filme etnográfico e narrativas digitais.*

## Palavras-chave

MobiCurtas, curta-metragem, escola, tecnologia, digital, conteúdos.

## Resumo

Há 200 anos uma criança de 12 anos, privada de todas as relações sociais desde a mais tenra idade foi descoberta por agricultores na floresta de Aveyron em França. A criança foi entregue pela administração a um jovem cientista, Jean Itard, que descreveu e promoveu seu contato com a vida em sociedade: normas sociais, linguagem, competência técnicas, consciência e sensibilidade, amor e amizade. Francois Truffaut em 1969 realizou, a partir do Rappports et memoires sur le sauvage de l'Aveyron de Jean Itard, o filme L'Enfant Sauvage em que encena a relação do cientista com a criança na formação progressiva da consciência e conhecimento em contato com a sociedade. O filme de Truffaut e as obras escritas de Jean Itard serviram de ponto de partida para múltiplas reflexões sobre o cinema e sobre o trabalho pioneiro de um médico que, no início do século XIX prestou uma particular atenção à criança e à criação de técnicas de ensino de uma criança afastada dos processos habituais de socialização. Pretendemos neste trabalho refletir sobre o processo de encenação da ciência e do cientista na abordagem da infância.

## Título

# GOZO DAS FERAS: PORNOGRAFIA E AFETO NOS BICHOS PRETOS COLORIDOS DE KARIM AÏNOUZ

## Autoria

MOISÉS OLIVEIRA ALVES

moa.oliveiraalves@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia/UNEB

## Nota biográfica

*Moisés Oliveira Alves é professor de Teoria Literária na Universidade do Estado da Bahia/Campus XVI, Brasil. Tradutor de textos artísticos em língua alemã com foco na dramaturgia de Rainer Werner*

## Palavras-chave

Cinema, pornografia, delicadeza, afeto

## Resumo

Nossa intervenção teórica chama-se Gozo das feras: pornografia e afeto nos Bichos Pretos Coloridos, de Karim Ainouz, elabora uma possível genealogia do campo expandido do pornô a partir do curta Bichos Pretos Coloridos (2011, 14 min) do cineasta brasileiro Karim Ainouz e sua aposta em tornar maleável a categoria e personagens (genitálias, corpo, gestos) da pornografia. Ainouz está interessado, segundo nossa leitura, na possibilidade de embaralhar esses espaços e modos de fazer a fim de compor um jogo sensível aliando paradoxalmente o assim chamado cinema pornô, da delicadeza e do afeto, noções que movimentam nossa abordagem, embora sejam historicamente desprezadas pelos “filmes para adultos” da indústria mainstream. O vídeo Bichos Pretos Coloridos compõe a versão brasileira do projeto Destricted.br elaborado pelo curador inglês Neville Wakefield (Destricted, 2006) que reuniu artistas atuantes em muitos suportes (fotografia, escultura, vídeo, cinema, pintura) com o objetivo de mostrar a prática sexual como uma experiência de arte, unindo-a a discursos, cenas e sensibilidades nada convencionais no pornô. Dora Longo Bahia, Janaína Tschäpe, Tunga, Lula Buarque de Holanda, Marcos Chaves integram uma parte do coletivo de artistas que atuaram na versão brasileira desse projeto cuja exposição aconteceu na Galeria Fortes Vilaça (São Paulo, 2011) e produzem dentro do que chamamos desse campo ampliado do pornô. Diferentemente da versão britânica que reuniu trabalhos de Marina Abramovic, Gaspar Noé, Sam Taylor-Wood, Larry Clark, os vídeos ligados ao projeto infelizmente não foram lançados no circuito comercial, o que confere certo ineditismo para o público que não visitou a exposição naquele momento. Embora Bichos Pretos Coloridos tenha sido escolhido como dispositivo desse texto, outros materiais desse projeto serão citados no processo de criação. Aqui convocamos pensadores/as de nosso tempo presente nos estudos de artes, teoria e filosofia.

## Título

# MEMÓRIA E DISTOPIA EM TRÊS FILMES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

## Autoria

PEDRO ESTEVES DE FREITAS

pesfre@gmail.com

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## Nota biográfica

*Mestrando em Pedagogia pela UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, integrando o grupo CACE - Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação, Mídiaeducador pelo Colégio Santo Inácio – Rio de Janeiro, crítico de cinema no site Blah Cultural, cineasta formado em direção de cinema pelo Instituto Brasileiro de Audiovisual - Escola de Cinema Darcy Ribeiro.*

## Palavras-chave

Análise fílmica, Brasil contemporâneo, filmes brasileiros, forma fílmica, história brasileira, narrativa

## Resumo

O presente trabalho faz uma análise de três obras, utilizando os preceitos de Aumont (2003, 2010, 2012), Aumont e Marie (2004) e de Bergalá (2008), produzidas em anos recentes e que trazem em seu âmago questões sociais e políticas do Brasil contemporâneo: “O menino e o mundo” (2014) de Alê Abreu, “Som ao Redor” (2013) de Kleber Mendonça Filho e “Avanti Popolo” (2014) de Michael Wahrmann. Essas obras artísticas, por mais distantes que sejam no espectro cinematográfico - a primeira, uma animação, e as outras duas, longas de ficção - debatem questões fundamentais na história brasileira, tendo como pontos principais de interseção a presença do passado de forma fundamental na história contada e um final que deixa o futuro em aberto. Tendo como base esses dois pontos, o trabalho analisa a forma fílmica de cada obra em interação com a história narrada por elas, identificando pontos incomuns e dissidentes na visão de mundo que cada uma apresenta em sua leitura do Brasil contemporâneo, chegando à conclusão de que a desesperança presente nos três filmes é, também, caminho aberto para a renovação do país, justamente pela subversão dos caminhos traçados no passado.

## Sala 12. 14h30 Sessão 2

Mesa: Anna Paula Soares Lemos, José da Silva Ribeiro

## Título

# ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A ACCÃO DOS NEURÓNIOS-ESPELHO, O EFEITO-KULESHOV, E UMA INSTALAÇÃO DE MÁRTIN ARNOLD

## Autoria



### Nota biográfica

*Licenciado em Artes Plásticas/Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (1981). Doutoramento pela Universidade de Vigo (Departamento de Escultura, 2014) com a tese intitulada "Arte e Memória. Desenvolvimentos e derivações sobre o conceito de memória e sua contribuição à prática artística". Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2009-2012) e é membro do grupo de investigação MODO (Departamento de Escultura, Universidade de Vigo). Nas suas actividades profissionais interagiu com 66 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Desde 1982, é professor nos Cursos Superiores Artísticos da ESAP (Escola Superior Artística do Porto), da qual foi um dos fundadores e onde tem exercido diversos cargos. Enquanto artista plástico, começou a expor em 1978: realizou 5 exposições individuais e participou em mais de 150 colectivas, em Portugal e no estrangeiro, estando representado em algumas colecções públicas e privadas. Entre 1976 e 1981 trabalhou em Cinema de Animação, incluindo dois filmes subsidiados pelo Instituto Português do Cinema, produzidos por Cinematógrafo - colectivo de intervenção, do qual foi um dos fundadores.*

### Palavras-chave

Neurónio, neurónios-espelho, empatia, cinema, efeito-Kuleshov, instalação

### Resumo

Nesta comunicação, após uma introdução geral na qual falamos sobre o neurónio e a actividade neuronal, origem de toda a actividade cerebral, analisamos o tipo específico dos denominados "neurónios-espelho" e propomos que se olhe para o sucesso de uma célebre experiência cinematográfica conhecida como efeito-Kuleshov – levada a cabo em princípios da década de 1920 por Lev Kuliescirov, mais conhecido como Kuleshov (Tambov, 1899-1970, Moscovo), considerado por alguns o pai do cinema soviético, e V. Pudovkin (Penza, 1893 – 1953, Riga), que foi o mais brilhante aluno daquele – à luz do sabemos hoje sobre eles. Em termos práticos, a existência de neurónios-espelho explica a capacidade que temos todos de imitar os outros, e mesmo, até certo ponto, partilhar a sua experiência; será o que permite a mímica automática e inconsciente, ao originar um estado no cérebro do observador que replica o da pessoa que é observada, e a série de fenómenos normalmente associados ao conceito de empatia. E todo o cinema que joga com a manipulação intencional das emoções do espectador – de que um cinema de género, como o de terror, será o caso mais evidente –, tira partido, descarado, da empatia. A experiência constituiu a base para os princípios da teoria da montagem enunciados por Kuleshov (e terá sido ele o primeiro a usar a palavra "montagem"), um instrumento básico da arte cinematográfica: na prática, demonstrou como a montagem possibilita criar significado através da justaposição de imagens, visto que no cinema uma imagem isolada permanece relativamente neutra e necessita de contextualização para ser interpretada. Em termos gerais, o efeito-Kuleshov já era apontado por Edgar Morin, numa conhecida obra publicada originalmente em 1958, como prova evidente da intensidade dos fenómenos cinematográficos que ele designava de projecção-identificação – dando como adquirido que há um mecanismo de projecção-identificação na origem da percepção cinematográfica –, que actualmente se compreendem melhor levando em conta o que vamos sabendo sobre a acção dos neurónios-espelho. Abordaremos ainda, no seguimento, o filme *Dissociated* (2002) do cineasta austríaco Martin Arnold, concebido para ser exibido como instalação, em dois ecrãs, nos quais são projectados planos mudos apropriados do famoso clássico do cinema *All About Eve* (1950) de Herman J. Mankiewicz.

### Título

## A PINTURA NO CINEMA: A HIBRIDEZ NA REPRESENTAÇÃO DO REAL

### Autoria

CRISTINA SUSIGAN

csusigan@gmail.com

Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo - Brasil

### Nota biográfica

*Cristina Susigan, doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura na UPM-Mackenzie/SP-Brasil, mestre em Estudos Americanos e especialista no estudo da figura da ekphrasis e relação entre literatura e cinema, pela Universidade Aberta de Portugal. Exerceu a docência no ensino superior no Instituto Politécnico do Porto, ESMAE, na área dos estudos visuais. Bolsista Capes, com pesquisa em apropriação nas artes. Interesse de pesquisa: relação inter-artes, história, teoria e crítica de arte. Participa dos Grupos de Pesquisa Mediação Cultural, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Grupo de Estudos de História e Imagem (GEHIM), na Universidade Federal de Goiás e da RedINAV.*

### Palavras-chave

Pintura; cinema; Johannes Vermeer; real

### Resumo

As relações entre cinema e a pintura são antigas e em termos de representação plástica, a sétima arte tem se válido da arte irmã, a pintura. No entanto, as duas formas são distintas, cada uma com um crescimento e história autónoma e singular, mas que no entanto, têm aspectos em comum, tanto a primeira: uma arte tradicional e antiquíssima baseada numa grelha simbólica; o cinema nasce, inicialmente e meramente como uma arte de ilusão, sendo a sua

primeira ilusão a ideia de movimento, o objectivo principal de um artista torna-se a criação de emulações que captem momentos reais da vida, o desejo do movimento é criado porque nos aproxima da realidade. Pintura e cinema, ao longo do tempo se foram fundindo e misturando, criando uma hibridez de estilos que às vezes se torna difícil de explicar ou situar, esta hibridez, leva a que mais tarde se gerem códigos que levam a que o género artístico seja definido por si mesmo. Esta comunicação tem o intuito de através de filmes baseados em pinturas e pintores, neste caso, filmes baseados na estética do pintor do século XVII Johannes Vermeer, refletir como os realizadores apropriaram-se da estética do mestre holandês, ao transpor para seus filmes, o equilíbrio entre a natureza simbólica da imagem e o efeito realista da perspectiva, estudando-se cor, luz, perspectiva, ângulos, - elementos da arte tradicional (a pintura) - e a sua transposição para o cinema, - a representação do plástico em movimento.

---

## Título DO DESENHO AO CINEMA

### Autoria

MARIA ELISA COELHO DE ALMEIDA TRINDADE

elisaalmeidatrindade@gmail.com  
Universidade do Porto

### Nota biográfica

*Doutoranda em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.  
Mestre em Desenho e Técnicas de Impressão pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.  
Dissertação de mestrado intitulada "Desenho e Cinema". Licenciada em Educação Visual e Tecnológica pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Exerce funções de docente do Ensino Básico desde 2000. Participou em várias exposições coletivas no país e no estrangeiro.*

### Palavras-chave

Desenho, processo, função, storyboard, cinema

### Resumo

O desenho tem tido um papel de algum relevo na arte narrativa do cinema, praticamente desde o seu nascimento, que no entanto tem sido poucas vezes reconhecido. Nesta comunicação abordamos a importância do desenho em todo o processo de criação cinematográfica, desde a fase de pré-produção até à rodagem dum filme, incluindo quer os desenhos feitos pelos próprios realizadores quer os de outros profissionais que trabalham na equipa de produção, sob o seu escrutínio. Nesse sentido, analisamos o método de trabalho de alguns cineastas, o desenho como um meio intermediário de fácil utilização e transversal a todos os departamentos artísticos, mormente a relevância do storyboard como ferramenta que permite pré-visualizar um filme, e outros desenhos conceituais e de continuidade. À primeira vista, no cinema tradicional o uso do desenho poderá parecer de pouca utilidade no processo de trabalho mas, na verdade, tem sido fundamental em todas as fases da produção cinematográfica - e isso acontece quase desde o início da invenção do cinematógrafo -, desde a criação das personagens à conceção visual da narrativa, do guarda-roupa aos cenários, da arquitetura ao mobiliário; e se em filmes de época, com referências históricas precisas, ou de ficção, poderá ser mais evidente para o espectador comum a sua utilidade, aquela que é a função mais importante raramente tem oportunidade de ser apreciada, pois normalmente não figura no resultado final que pode ser visto no ecrã: referimo-nos aos storyboards, que quase sempre ficam guardados em arquivos dos estúdios/produtores ou, nalguns casos, na posse dos próprios cineastas. O desenho é uma ferramenta versátil, facilmente adaptável às várias tarefas necessárias no processo de criação cinematográfica; o grau da sua utilização e o modo como intervém nesse processo, dependem contudo do estilo pessoal e do método de trabalho de cada realizador: e, em muitos casos, não podemos esquecer a formação de muitos cineastas como artistas plásticos. Por isso mesmo, durante a etapa de pré-produção encontramos uns que necessitam de desenhos e storyboards detalhados do guião inteiro, outros que os usam apenas para cenas especialmente complexas de rodar, ou outros ainda que usam alguns desenhos para certas "cenas-chaves", para ajudar a visualizar a atmosfera e as sensações pretendidas, que o guião por si só seria incapaz de descrever.

---

## Título UMA AUTO-ANÁLISE TRANSMÍDIA DE UM PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO COLETIVA

### Autoria

FERNANDA CARLOS BORGES

nandacarlos@uol.com.br  
CEMRI-Media e Mediações Culturais, UAb /FAPESP

### Nota biográfica

*Doutora em Comunicação (PUC-SP), mestre em Ciências da Motricidade (UNESP) e graduada em Filosofia (PUC-RS). Pós doutorado em Artes pela UNICAMP e pós doutoranda em Antropologia Visual na Universidade Aberta de Portugal, ambos com apoio da FAPESP.*

### Palavras-chave

Auto-análise, transmídia, subjetivação, webdoc, filosofar



## Resumo

Esta apresentação trata do recurso transmidia na auto-análise de processo de subjetivação comunitário. Parte do significado de auto-análise realizado por Pierre Bourdieu em “Esboço de auto-análise” (2005), na qual explora aspectos da sua vivência sócio-cultural que mobilizaram sua subjetividade e da qual decorreram os caminhos da sua produção intelectual, assim como do trabalho realizado por Edgar Morin em “Os meus Demônios” (1995), onde desenvolve a relação da sua criatividade teórica com os impasses da experiência subjetiva vivida. A narrativa deles foi exclusivamente escrita e em primeira pessoa. Neste trabalho, tratamos de um projeto cujo objetivo foi ampliar uma auto-análise escrita em primeira pessoa na direção de uma auto-análise coletiva na forma narrativa fílmica, em um processo participativo transmidia que transitou entre o documental e o ficcional. Se os autores acima citados desenvolveram sua auto-análise no sentido de uma genealogia da criatividade intelectual em determinados contextos, neste trabalho interessa mais a formulação de problemas a mobilizar a subjetividade da coletividade na qual os participantes estão inseridos, ainda que tais problemas não tenham sido submetidos a um crivo intelectual criativo e criterioso. Entendemos que a problematização conceitual é engendrada em um corpo envolvido em um campo de afetos, organizado numa estética dos fazeres e capaz de ressignificar os gestos cotidianos, e que as tecnologias audiovisuais podem possibilitar a auto-análise implicada neste processo. Trataremos do aspecto transmidia participativo na auto-análise coletiva implicada do projeto web-doc O Milagre das Torres.

## Título

# O ROSTO COMO DEVIR / A PROPÓSITO DE UM PLANO DE PEDRO COSTA

## Autoria

DIOGO EMANUEL DA NÓBREGA E SILVA

Diogo\_nobrega\_@hotmail.com

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## Nota biográfica

*Cineasta e investigador. Nasceu no Porto em 1988. Licenciou-se em Ciências da Comunicação e especializou-se, em sede de mestrado, em Fotografia e Cinema Documental pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo, com uma dissertação designada A Palavra/ Para uma lógica da Intensidade. O seu trabalho produz-se, fundamentalmente, em dois mediums: o filme documental e a instalação vídeo, regularmente exibidos em festivais de cinema e espaços de galeria. Neste particular, poder-se-á destacar a curta-metragem Realidade sim. Realidade não. A que estiver., estreada em 2013 no cinema São Jorge em Lisboa, no âmbito do 11º festival internacional de cinema DoClisboa'13; o filme documental A Palavra, apresentado, do mesmo modo, no DoClisboa'15; ou a instalação vídeo Celui qui ne m'accompagnait pas, inaugurada em Maio de 2015 na livraria/galeria Circo de Ideias, no Porto. De um ponto de vista académico, circunscreve os seus actuais interesses científicos aos seguintes domínios epistemológicos: Cinema e Filosofia; História e Teoria da Imagem; Teoria da Figura; Teoria do Sujeito e Metodologias de Análise de Imagens (Análise Figural). Publicou e apresentou vários artigos nestas matérias, com particular incidência em questões figurais/figurativas relacionadas com o cinema de Pedro Costa. É doutorando em Estudos Artísticos – Arte e Mediações na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde prepara uma tese sobre o cinema de Pedro Costa.*

## Palavras-chave

Rosto, retrato, força, devir, cinema

## Resumo

Tomando como escopo a filmografia de Pedro Costa, em particular um plano de Zita Duarte em Ossos (1998), este ensaio pretende analisar a categoria estética do retrato, operacionalizando um aparelho reflexivo que o entenda, na esteira de Deleuze, como forma de uma força, i.e. como captura de uma diferencialidade virtual que habita um rosto percebido.

O argumento desenvolve-se em três momentos. Primeiro, desenharemos uma arqueologia breve do conceito de retrato, indagando um conjunto de instrumentos teóricos que definiram, historicamente, a sua análise: rosto, face, mimesis, representação, semelhança, dissemelhança, identidade, diferença. Segundo, analisaremos o desaparecimento do retrato enquanto dispositivo de re-presentação de um sujeito, de uma identidade ideal, unitária. Elaborando a partir de uma problematização da composição estética enquanto captura de forças (Deleuze, Simondon), procura-se determinar as condições de possibilidade de um devir do retrato enquanto topografia de sinais e de forças em movimento (José Gil). Para tal, focaremos a nossa análise em dois retratos de Francis Bacon: Study for Three Heads, de 1962, e Study for a Portrait II (after the Life Mask of William Blake, de 1955. Finalmente, examinaremos o processo de captura do conceito pelo dispositivo cinematográfico de Pedro Costa, interrogando a sua operatividade no plano de uma sintomatologia, i.e. como captura e modulação de sensações microscópicas, feixes de forças que de-formam o rosto (o mapa), que o tornam possível como diferença apenas, pura forma-em-devir, permitindo um reenquadramento do conceito de retrato como jogo rítmico da profundidade e da superfície, do dentro e do fora, da expressão e da dissimulação, do aparecimento e do desaparecimento (Didi-Huberman).

## Título

# QUANDO O CINEMA VAI AO HOSPITAL: EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS E CIDADANIA

## Autoria

TATIANE MENDES PINTO

tatunha@gmail.com

Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ

## Nota biográfica

*Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Mídia e Cotidiano pela UFF no PPGMC (Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano), membro do Laccops (Laboratório de Investigação em Comunicação Comunitária e Publicidade Social). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela FACHA (2010).*

## Palavras-chave

Cinema, educação, cidadania, experiência sensível

## Resumo

A pergunta que permeia o presente estudo é a seguinte: em um ambiente cercado pela busca incessante pela conservação da vida qual seria a importância do cinema? Seria mera estratégia informacional associada à estética como fuga da realidade ou teria uma potência transformadora, educativa? Assim, esse trabalho analisará os projetos Cinema no Hospital e Cinema e Velhice, coordenados pelo Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizados no Hospital Universitário da UFRJ. No recorte escolhido no presente trabalho, optou-se pela temática do hospital por compreender a inevitabilidade da relação entre educação e saúde para a emancipação social e cidadania. Desta forma, observa-se a potência das iniciativas para fomentar experiências educativas com a linguagem do cinema em ambientes hospitalares, ao criarem espaços de reflexão, pontos de narrativa dos pacientes e práticas sobre e com o cinema em crianças e idosos. Para fins do presente artigo, o corpus de observação incluirá relatórios das reuniões semanais realizadas nos dois projetos desde junho até dezembro de 2015. A estratégia de análise será multimetodológica, associando a pesquisa de campo à revisão bibliográfica. Compreende-se que os objetos escolhidos, apesar de não estarem configurados como escolas formais, apresentam-se como iniciativas do campo da educação, uma vez que as premissas do projeto trafegam na linha de aprendizado e reflexão, sob os pressupostos tanto do campo do Cinema quanto do campo da Educação. Ambos podem fomentar vinculações sociais e experiências sensíveis. Em tais elementos baseia-se a hipótese do trabalho em questão. Após o contato com os objetos, sobressai uma problemática: seria possível pensar na produção de sentidos, formação e consolidação da cidadania com base nas mediações entre pacientes, equipe e práticas cinematográficas? Estas são algumas das questões que o presente estudo pretende analisar.

---

## Sala 12. 17h30 Sessão 3

Mesa: Tatiane Mendes Pinto, Luiza Pereira Monteiro, Maria do Céu Marques

---

## Título

# A GENTE DE PELE QUEIMADA NA OBRA FÍLMICA DE VASCO BRANCO

## Autoria

ANA RITA CAPUCHO MENDES

capuchorita@gmail.com

Universidade de Coimbra/ CEIS 20/ CCA.

## Nota biográfica

*Ana Rita Capucho é doutoranda em Estudos Artísticos, especialização em Estudos Fílmicos e da Imagem na Universidade de Coimbra. Licenciada e mestre em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É membro da Comissão Organizadora da AVANCA | CINEMA – Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação, da direcção da Debatevolution – Associação e produtora editorial do International Journal of Cinema. É membro do grupo de trabalho Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra. Membro da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento. Foi membro de júri em vários festivais de cinema e pertence à organização do Festival de Cinema de Avanca e do São Tomé Festfilm. Membro do Grupo Poético de Aveiro, organiza o Poetry Slam Aveiro, assim como outros eventos ligados à poesia. Actualmente desempenha funções como produtora e programadora no Cineclub de Avanca.*

## Palavras-chave

Vasco Branco, ria, gentes.

## Resumo

Nesta comunicação iremos analisar dois filmes da obra de Vasco Branco, um cineasta amador

de Aveiro. Analisaremos “Sol, Suor e Sal”, o primeiro documentário do realizador de 1959, no qual podemos observar a safra do sal, a dureza do trabalho dos marnotos e “Gente Trigueira” de 1968, obra onde o realizador mostra a vida na ria das pessoas que nela trabalhavam, gente de pele queimada pelo sol que sobrevivia do rendimento que retirava das atividades ligadas à ria. Iremos procurar perceber como o realizador representa estas pessoas e o seu trabalho. Perceber os ciclos apresentados como seja o ciclo da vida, da safra, do dia que vimos refletidos na Ria, tornando-a um lugar de questionamento sobre o esforço e o futuro das atividades relacionadas com ela.

## Título

# A ASCENSÃO DA INTIMIDADE À ESFERA SOCIAL: A AFETIVIDADE PESSOAL DO AUTOR COMO CONSTRUTORA DE MEMÓRIA CULTURAL

## Autoria

RICARDO FERNANDO TEIXEIRA COUTO

ricardoftcouth@gmail.com

Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto

## Nota biográfica

*Ricardo Couto frequenta, desde 2014, o Mestrado em Comunicação Audiovisual da Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto. Aluno finalista da especialização em Cinema Documental com proposta de dissertação intitulada “A busca do eu num tempo não vivido: a adesão afetiva na construção mnésica”. Concluiu a licenciatura em Ciências da Comunicação, com média final de 16 valores, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em junho de 2014. Foi jornalista estagiário no diário Público. Realizou o filme “terra mãe”, vencedor do prémio Sophia Estudante para Melhor Documentário, atribuído pela Academia Portuguesa de Cinema.*

## Palavras-chave

Memória cultural; memória individual; memória coletiva; personalidade; filosofia

## Resumo

Pode a afetividade pessoal contribuir para a percepção coletiva de um evento histórico? De que forma a imaginação autoral contribui para a construção de uma memória coletiva? E qual a influência da memória coletiva no estabelecimento de uma representação interna de um determinado acontecimento? O cinema reflete a relação emocional entre ser humano e Tempo. Tal relação transcende a tangibilidade. Através do cinema, o autor pode interpelar um tempo não vivido mas ao qual emocionalmente adere. Esta dialética temporal revela um relacionamento de dimensão social e política, logo, de identidade. A conectividade entre esses dois tempos, o interpelado e o do momento a partir do qual é feita tal interpelação, inicia um diálogo, de mútua contaminação, entre memória individual e memória coletiva. A personalidade eleva-se à esfera social (Arendt, 2013). A relação do autor com a sua representação interna de um determinado evento histórico não vivido – neste caso, a Revolução Portuguesa de 1974 – serve como ponto de partida para uma abordagem filosófica (Deleuze, 2013; Foucault, 2012) que reflete sobre conceitos como a percepção emocional do Tempo (Bergson, 2001) e a tentativa de estabelecer uma participação afetiva, através da expressão cinematográfica (Tarkovsky, 1986).

## Título

# HÁVERÁ UM CONFRONTO ENTRE AS NOVAS TECNOLOGIAS LIGEIRAS E A PRODUÇÃO DE CINEMA PORTUGUÊS COM APOIO ESTATAL?

## Autoria

ANTÓNIO MANUEL DIAS COSTA VALENTE

avalente@ua.pt

Diretor do Festival de cinema de Avanca, Universidade de Aveiro.

## Nota biográfica

*Diretor do Festival de Cinema AVANCA desde 1997 e da conferência científica AVANCA|CINEMA desde 2010. Doutorado em cinema, ensina na Universidade de Aveiro e tem sido professor convidado em diversas instituições de ensino superior. Produziu e co-realizou a primeira longa-metragem do cinema de animação português “Até ao Tecto do Mundo”. Como realizador e produtor, foi distinguido com cerca de duas centenas de prémios em festivais nos cinco continentes.*

## Palavras-chave

Cinema português, cinema independente, visibilidade

## Resumo

Um cinema independente português tem sido produzido com reduzida visibilidade, à margem dos apoios estatais. Um cinema de terceira via, sem aparente relação direta com meios financeiros ou de difusão audiovisual. Os últimos tempos parecem ter incrementado esta produção minoritária, nomeadamente com a crescente aproximação dos novos meios de produção do cinema digital e da maior profusão de formação específica. Entre projetos minimalistas e outros no enalço de um público particularizado, têm surgido múltiplas obras que parecem dar

agora maior corpo a um cinema independente português, sobretudo abrindo-o ao formato da longa-metragem. Mas sucessivos indícios parecem demonstrar que o cinema de apoio estatal e o cinema independente estão cada vez mais afastados e com crescente dificuldade em se aproximarem. Parece difícil construir uma história comum, com raros casos de autores e obras que ultrapassam esta inesperada fronteira num país onde a cinematografia continua a ser ainda muito reduzida. Parece também que o estado se transformou no grande distribuidor de um certo cinema nacional, quase sem espaço para o cinema português independente. Apoiando a produção e a distribuição, formalizando mecanismos, estruturas e calendários do que genericamente podemos chamar “promoção”, parece ficar-se só no “seu cinema”. A liberdade de criação cinematográfica expandiu-se com as novas tecnologias aplicadas sobretudo à rotação e pós-produção cinematográfica (cada vez mais ligeiras e disponíveis), numa indefinição de aproximação ou afastamento dos meios de produção dos diferentes filmes portugueses. Mas apesar desta eventual diferença de meios, parece que é sobretudo nos mecanismos de visibilidade que as várias vias do cinema português se separam. O cinema português parece ser assim um campo onde diversos caminhos e opções parecem questionar uma vivência abrangente do cinema português.

---

## Título ANÁLISE SOCIOLÓGICA PORTUGUESA ATRAVÉS DO CINEMA PORTUGUÊS

### Autoria

MARTINA TZVETAN

[martinatzvetan@gmail.com](mailto:martinatzvetan@gmail.com)

### Nota biográfica

*Martina Tzvetan (n.1992, Porto) é realizadora, produtora e curadora. Licenciada em Cinema e Audiovisual pela Escola Superior Artística do Porto, é actualmente mestranda em Estudos Artísticos – Estudos Museológicos e Curatoriais, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Muito do seu trabalho, nos recentes anos, tem sido dedicado a projectos cinematográficos independentes, curadoria, investigação artística e projectos editoriais, enquanto colabora activamente em projectos culturais como produtora, programadora e curadora.*

### Palavras-chave

Cinema, Portugal, sociologia, evolução, revolução, crise

### Resumo

Desde 1910, o cinema Português e Portugal evolui sociologicamente desigual face aos restantes membros da CEE (com início em 1951, na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, como países fundadores, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo, França, Itália e Países Baixos), aos quais Portugal agregou-se em 12 de Junho de 1985. Após atravessar diversas crises financeiras, a revolução, as perdas de mercados, tentativas de aproximação a outros mercados, e manter dependências externas até à actualidade, como é que estes factores alteraram o rumo do cinema Português e dos Portugueses?

---

## Temática Cinema e Escola

Nesta temática abordaremos duas questões que se nos afiguram complementares: a representação da escola no cinema e as práticas de cinema na escola. Na primeira apelamos a reflexão sobre como o cinema representa a escola, os professores, os alunos, as hierarquias, processos de ensino de formas muito diversificadas. Pretendemos trazer para a discussão o modo como a escola é representada no cinema. A escola e seus atores. A escola como um lugar de conflito, de poder, de resistência, de conhecimento. A escola como um lugar de construção e negociação de identidades. Como um lugar de produção de (des)igualdades sociais, culturais. Uma instituição de transição da vida familiar para o mundo. Na segunda pretende-se refletir sobre as múltiplas práticas de cinema desenvolvidas na escola – o visionamento e análise de filmes, os clubes de cinema, a utilização das tecnologias na produção de documentos audiovisuais, a escrita dos filmes ou acerca dos filmes. O cinema em todos os seus estados entra na escola e transforma-a. Pretendemos debater e partilhar as práticas de cinema desenvolvidas na escola do jardim-de-infância à universidade, da prática lúdica à observação científica, da observação à criação de imaginários. Cinema enquanto instrumento e objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos, arte e sentimentos?

## Anfiteatro . 10h30\_Sessão 1

---

Mesa: Casimiro Pinto, Thelma Panerai, José Manuel Peláez Roperó

---

## Título EXPLORAÇÃO DE FILMES COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

## Autoria

MANUELA CACHADINHA; ANABELA MOURA; CARLOS ALMEIDA

mcachadinha@ese.ipvc.pt

moura\_correia@sapo.pt

calmeida@ese.ipvc.pt

Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico de Viana do Castelo

### Nota biográfica

*Manuela Cachadinha é Professora da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo desde 1985; é Doutorada em Educação e Mestre em Sociologia; é Investigadora do CEMRI com investigação e publicações na área da Sociologia, Educação, Cultura e Envelhecimento.*

*Anabela Moura é Professora da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo desde 1986; é Doutorada e Mestre; é investigadora com investigação e publicações na área das Artes, Educação e Cultura, tem dirigido cursos na área das Artes na ESEVC.*

*Carlos Almeida é Professor da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, é Doutorada e Mestre, é investigador com publicações na área das Artes, Educação e Cultura, tem dirigido cursos na área das Artes na ESEVC.*

### Palavras-chave

Cinema, educação, cultura, sociedade e pedagogia

### Resumo

A exploração de obras cinematográficas como estratégia pedagógica constitui uma prática referida na literatura educativa atual. Durante as últimas décadas, temos recorrido a esta estratégia na nossa prática docente nos cursos onde lecionamos na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Sabemos que a utilização de filmes como instrumentos de natureza pedagógica pode realizar-se de diferentes formas e para atingir objetivos educativos mais ou menos específicos. Na nossa prática, temos selecionado e recorrido a alguns filmes que já foram visionados por públicos generalistas mas que abordam, de forma mais ou menos ficcionada, temáticas coincidentes ou muito próximas, dos objetivos das unidades curriculares que lecionamos. O nosso recurso a esta estratégia é efetuado seguindo determinados procedimentos que fomos refinando em função de experiências efetuadas em anos anteriores e de acordo com as características dos grupos de alunos em presença e com os objetivos e conteúdos programáticos da unidade curricular concreta em que estamos a trabalhar. A abordagem crítica de temáticas e conceitos relacionados com a diversidade social e cultural na escola e na sociedade, a cidadania, os direitos humanos e sociais, as relações sociais e intergeracionais, a prática pedagógica, a inovação, a produção artística e a educação em geral têm constituído objetos de reflexão privilegiados com o nosso recurso a filmes. Trabalhos cinematográficos como, por exemplo, "O Clube dos Poetas Mortos", "Mentes Perigosas", "Grand Torino", "A Turma", embora tendo sido realizados já há longa data e apesar de terem tido impactos e sucessos diversos junto do público em geral e dos críticos, abordam problemáticas que permanecem pertinentes e oportunas no contexto educativo e sociocultural atual. Com esta comunicação apresentamos uma breve descrição das nossas experiências e práticas pedagógicas com recurso a filmes e refletimos sobre algumas virtualidades e limitações encontradas nestas tarefas educativas.

## Título

# CINEMA, ESCOLA E FORMAÇÃO NAS MULTIPLAS TELAS – DESAFIOS CONTEMPORANEOS

## Autoria

ADRIANA HOFFMANN FERNANDES

Hoffadri58@gmail.com

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### Nota biográfica

*Professora Adjunta na Escola de Educação e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Brasil. Coordenadora do grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação).*

### Palavras-chave

Cinema, formação, sujeitos, escola, telas, desafios

### Resumo

O artigo trata dos achados de pesquisas realizadas com cinema dentro das escolas e universidade e as reflexões advindas destas. Ao perceber nas pesquisas que venho realizando e orientando há mais de dez anos o vínculo cada vez maior das crianças e dos jovens com a imagem, principalmente a audiovisual, trazendo a ideia de que "o contar suponha o ver" na TV, no cinema ou no vídeo em diferentes locais de acesso, trago de que forma essas percepções aparecem nas pesquisas mais recentes realizadas pelo meu grupo de pesquisa. Aqui entendemos o cinema e o vídeo ou audiovisual sem fazer diferenciações grandes entre os dois mas apontando que existe cada vez mais diálogo entre cinema e vídeo/TV. Os dois se conflitam e um se hibrida com o outro. O cinema se modifica com a TV/vídeo e a TV/vídeo se modificam com o cinema. As linguagens se interpenetram e tornam-se diferentes pelas criações audiovisuais. Hoje cada

vez mais o audiovisual está presente no cotidiano de todos nas suas multiplas telas e isso é cada vez mais recorrente nos espaços educativos. A investigação realizada buscou perceber as relações constituídas pelas crianças, jovens e professores com o cinema e o audiovisual nas instituições e os vínculos com a formação estabelecidas com as produções audiovisuais a que os sujeitos tem acesso pensando também o papel da escola e das mediações no processo formativo. Trata-se dos retornos de diferentes pesquisas de mestrado realizadas no grupo de pesquisa por mim coordenado e recentemente renomeado por CACE (Comunicacao, Audiovisual, Cinema e Educaçao) e certificado pelo Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnologico) no Brasil.

---

## Título CINE E ENSINO. O CASO ESPAÑOL. BREVE PERCORRIDO HISTÓRICO

Autoria  
MIGUEL A. CASTELO AGRA  
abragofilmes@gmail.com

### Nota biográfica

*Miguel Castelo, que abandonou a súa profesión de mariño mercante atraído polo mundo da comunicación, é Licenciado en Ciencias da Información, na especialidade de Imaxe e Son, pola Universidade Complutense de Madrid. En 1979 crea a marca produtora ÁBRAGO FILMES e, tras uns anos dedicado a labores de xornalismo en prensa, radio e TV e á realización de cometidos de organización e difusión na primeira etapa da Dirección Xeral de Cultura da Xunta de Galicia, retoma en 1990 a actividade da produción e realización cinematográficas. Ten escrito traballos sobre cine, teatro e outros aspectos da cultura en diversas publicacións e xornais galegos e de fóra de Galicia, impartido cursos de narrativa e análise audiovisual e efectuado colaboracións en TVE en Madrid, no seu Centro Territorial de Galicia e na TVG. Asímesmo, ademais de ter traballado, realizando cometidos diversos, na maior parte das producións galegas dos 70, foi membro fundador da, xa desaparecida, empresa audiovisual "Trama", pioneira en Galicia na súa especialidade. A súa primeira realización como guionista e director, "O pai de Migueliño", foi seleccionada nos máis importantes encontros cinematográficos españois (San Sebastián, Valladolid, Bilbao, Gijón...) e estranxeiros (Oberhausen, Moscú, Utrecht, Londres) e galardoada co Premio da Crítica no V Certamen Internacional de Films Cortos "Ciudad de Huesca" e cunha Mención Especial na XIX Setmana Internacional del Cinema de Barcelona.*

**Palavras-chave**  
didático, aprendizaxe, especificidade, linguaxe, históricos, científico, educativo

### Resumo

O cine é un ben cultural, un medio de expresión artística, un feito de comunicación social, unha industria, un obxecto de comercio, ensino, estudo e investigación. O cine é, xa que logo, unha parte do patrimonio cultural de España, as súas nacionalidades e as súas rexións. Na comunicación "Cine e Ensino. O caso español. Breve percorrido histórico", tentárase facer unha panorámica sobre os procesos e tentativas da incorporación do cine ao ámbito do ensino, tanto como ferramenta de axuda para a transmisión de coñecementos como materia de aprendizaxe de seu; unha panorámica na que tamén se incluírán algúns aspectos da natureza do cine e da relación que se establece entre este e o espectador. Se ben o cine, a produción cinematográfica en xeral, non ten un cometido didático, constitúe unha escola de aprendizaxe, dá a necesidade de regularización dos coñecementos da materia cinematográfica e da linguaxe audiovisual no ámbito do ensino. Logo dun breve recordatorio sobre a orixe científica do cinematógrafo, a exposición abordará, así mesmo, algúns dos aspectos da especificidade da linguaxe cinematográfica facendo un percorrido polas consideracións dalgúns dos máis importantes e pensadores e estudosos do fenómeno cinematográfico, así como da súa relación co espectador: Mc Luhan, Christian Metz, Jean-Louis Baudry, Jacques Aumont, Roland Barthes, etc. A seguir, farase un percorrido polos sucesivos momentos históricos, no ámbito institucional español, nos que o cine científico e educativo tivo un intermitente protagonismo. O percorrido incluírá, así mesmo, as iniciativas diversas de carácter privado. A comunicación dedicará tamén un espazo ao apartado do ensino sobre o cine e efectuará un percorrido polos principais centros públicos e privados, universitarios e de formación profesional, escolas de arte, etc., que imparten a materia de Comunicación Audiovisual. Finalmente, cómpre indicar que a presente comunicación se completa coa proxección de dúas secuencias pertencentes a dous filmes nos que a escola ten especial protagonismo: El espíritu de la colmena (1973 / Víctor Erice) e Onde está a casa do meu amigo? (1987 / Abbas Kiarostami).

---

## Título AS REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIA NA OBRA DE WALTER SALLES: ABRIL DESPEDAÇADO É CENTRAL DO BRASIL

Autoria  
LUIZA PEREIRA MONTEIRO  
luizaintelect@hotmail.com  
Universidade do Minho, Instituto da Educação, PT



## Nota biográfica

*Pós-Doutoranda em Sociologia da Infância, UM –PT, Doutora em Educação – FEUSP e Professora da Universidade Estadual de Goiás, UEG, área Fundamentos da Educação/Sociologia*

### Palavras-chave

Abril despedaçado. Central Do Brasil. concepção. infância

### Resumo

A comunicação objetiva discutir as concepções de infância representadas na obra do cineasta brasileiro Walter Salles, nos filmes Abril Despedaçado (2001) e em Central do Brasil (1998). Estas, são duas grandes obras de referência do cineasta da retomada do cinema nacional, que se deu a partir da década de 1990, como um movimento de recuperação do cinema brasileiro, que entrou em decadência após a crise econômica e sua desregulamentação com o fim da Embrafilmes, no Governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992). O cinema da retomada teve que se reconfigurar para conquistar o seu poder de competitividade no mercado interno e externo. Ele adquire um padrão antropológico contemporânea, com foco na abordagem dos problemas das camadas populares, tais como a pobreza, o desemprego e a diversidade cultural. Um discurso político e aparentemente comprometido, porém, com a resolução dos problemas no âmbito da vida privada (do indivíduo e na famílias). Neste contexto e modo de representação, a infância foi concebida de modo ambíguo, conflituoso, excluída e explorada, uma vez que os efeitos da pobreza e da violência que sofrem suas famílias, recaem sobre elas. Apesar disso, Walter Salles, nos apresenta uma infância forte e em luta permanente, que resiste a opressão e a violência enfrentadas por Josue (Vinícius de Oliveira) em Central do Brasil, que em uma paisagem insólita e truculenta luta para encontrar seu pai, após a morte de sua mãe; e Pacú (Ravi Ramos) que em Abril Despedaçado, é a consciência e a lucidez em uma família cega e aprisionada pela guerra de sangue e seus códigos de honra, como “olho por olho e dente por dente.”

## Anfiteatro . 14h30\_ Sessão 2

Mesa: Manuela Cachadinha, Miguel A. Castelo Agra, Raquel Pacheco

### Título

## O FILME COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DAS LÍNGUAS

### Autoria

MARIA DO CÉU MARTINS MONTEIRO MARQUES

ceujan@gmail.com

CEMRI-Media e Mediações Culturais, UAb.

### Nota biográfica

*Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e doutorada em Filologia Inglesa pela Universidade de Salamanca, é coordenadora do Mestrado em Estudos sobre a Europa (MESE), vice-coordenadora da licenciatura em Estudos Europeus. Tem participado em vários encontros nacionais e no estrangeiro.*

*Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Media e Mediações Culturais, é colaboradora do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). Tem orientado dissertações de mestrado e teses de doutoramento na área dos Estudos Ingleses e Americanos (literatura e cinema) e das Ciências da Educação e participado em vários encontros e colóquios em Portugal e no estrangeiro. É autora de vários artigos nas áreas da literatura, cultura e cinema publicados em atas de congressos nacionais e internacionais e capítulos de livros.*

### Palavras-chave

Filme, educação, língua, recurso, ensino

### Resumo

Para que a escola do século XXI se modernize, é necessário que todos os agentes envolvidos no ensino acompanhem a evolução tecnológica e a utilizem nas suas práticas diárias. A arte cinematográfica, enquanto recurso pedagógico-didático, possui muitas potencialidades capazes de estimularem o interesse e os conhecimentos de quem aprende, mas também de quem ensina. Nesta comunicação, propomo-nos abordar a importância da utilização do filme na aprendizagem de uma língua, quer em termos linguísticos, quer culturais. Mais do que entretenimento, o filme constitui uma excelente ferramenta capaz de ajudar a inovar as práticas educativas por permitir perceber o mundo através de diferentes olhares. A utilização do filme em termos didáticos, proporciona uma melhor interação entre diferentes áreas científicas, permitindo a participação em projetos interdisciplinares e transdisciplinares capazes de estimular um diálogo com as imagens, e desenvolver o sentido crítico dos estudantes.

### Título

## REFLEXÕES ACERCA DE MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS DO CINEMA, UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID

## Autoria

LUIZA PEREIRA MONTEIRO

luizaintelect@hotmail.com

Universidade do Minho, Instituto da Educação, PT

## Nota biográfica

*Pós-Doutoranda em Sociologia da Infância, UM –PT, Doutora em Educação – FEUSP e Professora da Universidade Estadual de Goiás, UEG, área Fundamentos da Educação/Sociologia.*

## Palavras-chave

cinema, formação, infância, educação do olhar, PIBID

## Resumo

Buscar-se-á refletir acerca do cinema como possibilidade de ampliação formativa e inclusão cultural para crianças e adolescentes da escola pública do presente. Toma-se como ponto de partida as experiências adquiridas a partir da realização do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID/MEC/UEG): Infância e cinema: a educação do olhar, em desenvolvimento na E. M. São Vicente, de São Luís de Montes Belos, Goiás, Brasil, desde 2012. Pensa-se a mediação do cinema na produção do conhecimento e no processo formativo inicial de professores e de alunos do ensino fundamental como um mecanismo de resignificação das experiências escolares, uma vez que o filme produz no espectador efeitos diversos, entre eles o de deslocamento do cotidiano fatídico no qual muitas vezes encontram-se alunos e professores. Ao se colocarem em contato com mundos e experiências de vida diversas (por meio dos filmes), com as quais poderão identificar-se ou não; os mesmos terão a possibilidade de estabelecer relações mais participativas e colaborativas, além da formação de valores éticos e juízos de gosto e, nesse sentido, portam uma faceta educacional sui generis. O cinema que concebemos para a mediação pedagógica é o que se poderia chamar de cinema arte, nos termos de Aumont (2011), o qual discute o cinema de arte no contexto da teoria da abordagem estética, que não apenas educa para sensibilidade, como prepara os sujeitos para leituras de mundo, ao realizarem a literacia fílmica.

## Título

# RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NA UNIVERSIDADE E NA ESCOLA

## Autoria

SÔNIA RODRIGUES, MARIA ALICE ROCHA, SANTIAGO LEMOS

smrthomar@gmail.com

carvalho.mariaalice12@hotmail.com

santiago.ufg@gmail.com

Universidade de Goiás

## Nota biográfica

*Sônia Rodrigues é Pedagoga. Mestre em Educação. Membro do Projeto de Pesquisa “Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância” (Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Universidade de Brasília) e do “Grupo de Estudos e Pesquisa: Educação, Infância, Arte e Psicanálise” (Gepeiap/Cnpq/Brasil)*

*Maria Alice Rocha é Pedagoga. Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Cepae/UFg. Membro do Projeto de Pesquisa “Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância” (Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Universidade de Brasília) e do “Grupo de Estudos e Pesquisa: Educação, Infância, Arte e Psicanálise” (Gepeiap/Cnpq/Brasil)*

*Santiago Lemos é Professor da Secretaria Estadual de Educação e Cultura de Goiás. Graduado em Artes Visuais. Mestrando do curso de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Cepae/UFg; Membro do Projeto de Pesquisa “Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância” (Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Universidade de Brasília) e do “Grupo de Estudos e Pesquisa: Educação, Infância, Arte e Psicanálise” (Gepeiap/Cnpq/Brasil).*

## Palavras-chave

Cinema, ensino, experiência estética, criança, infância e psicanálise

## Resumo

O presente trabalho, articulado à temática “Cinema e Educação”, consiste em discorrer sobre as experiências com o cinema vinculadas ao projeto de pesquisa institucional “Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância” (Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Universidade de Brasília) e pelo “Grupo de Estudos e Pesquisa: Educação, Infância, Arte e Psicanálise”, registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Gepeiap/Cnpq/Brasil), órgão vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Tal projeto se baseia na reflexão sobre o conceito de criança, considerando a dimensão traumática da infância à luz dos conceitos da psicanálise. O cinema é tomado como um dispositivo, cuja formalização estética

é produtora de rupturas e estranhamentos que suspendem as representações idealizadas de criança submetidas à lógica do imaginário. O relato de experiências com a arte cinematográfica implica na articulação de dois modos de práticas audiovisuais desenvolvidas na educação, seja pelo visionamento, como pela análise de filmes: uma primeira tem a ver com discussões sobre filmes em disciplinas ministradas no curso de pedagogia da Universidade Federal de Goiás e a outra com apresentações de filmes do projeto de extensão denominado “Sessão Corujinha” para alunos do “Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação” e escolas circunvizinhas, em uma sala de cinema da UFG, seguidas com debates entre convidados e público presente. Todavia, reunir o relato de duas práticas diferentes em suas metodologias, implicando públicos tão distintos, possibilita refletir sobre os efeitos dessas experiências estéticas com o cinema, na universidade e na escola, em um mesmo projeto de pesquisa, além de testemunhar aquilo que elas podem oferecer ao nosso olhar: uma outra infância que retorna o nosso modo equivocante e inumano de ser sob a forma de um real indizível.

### Título

## CINEMA, TIC E EDUCAÇÃO: CONTRIBUTOS PARA A APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA

### Autoria

ADELINA MARIA PEREIRA DA SILVA

silvadelina@gmail.com

CEMRI-Media e Mediações Culturais/UAb

### Nota biográfica

*Possui licenciatura em Secretariado e Gestão (ISCAP), mestrado em Relações Interculturais (Universidade Aberta) e doutoramento em Antropologia, especialidade de Antropologia Visual (Universidade Aberta). Professora do quadro do Ensino Secundário da área de Educação Tecnológica. Tutora da disciplina de Antropologia Geral (Universidade Aberta). Investigadora do CEMRI – Media e Mediações Culturais (Universidade Aberta) de temas relacionados com as tecnologias da informação e comunicação, particularmente das sociabilidades on e off-line, comunidades reais/virtuais, e-/b-learning, comunidades de prática e inteligência coletiva.*

### Palavras-chave

Cinema; TIC; educação

### Resumo

O cinema, nas várias modalidades que o mesmo engloba (ficção, documentário, animação) tem sido uma ferramenta didática utilizada na sala de aula desde há muito tempo. As TIC, enquanto ferramentas de predominância audiovisual, são implementadas na prática pedagógica, nomeadamente através do cinema. Há estudos que indicam que as tecnologias influenciam na melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem, nomeadamente aquelas que expressam o seu conteúdo através da imagem. Porém, não basta enquadrar o cinema na melhoria do processo de ensino-aprendizagem, mas também no desenvolvimento pessoal e de cidadania dos jovens alunos. Através de uma visão crítica do cinema poder-se-á trabalhar os vários campos do conhecimento, consolidando as aprendizagens. Com a inclusão do cinema, ainda que sob a forma de projeto, no currículo dos alunos, atingir-se-á um outro objetivo que é o que olhar, um entender e ler o mundo, nas diferentes culturas, através de imagens e linguagens múltiplas, ao mesmo tempo que se produzem interpretações e reflexões críticas do conteúdo fílmico. Neste artigo apresentar-se-á uma experiência de implementação de produção de um filme animado, numa turma do ensino básico, do 3º ciclo, com recurso à ferramenta Powtoon.

### Título

## CULTURA DIGITAL, REDES SOCIAIS E NARRATIVA TRANSMIDIÁTICA NOS NOVOS FILMES DE STAR WARS

### Autoria

THELMA PANERAI ALVES, ANA BEATRIZ GOMES CARVALHO E ROBSON GARCIA FREIRE

tpanerai@gmail.com

anabeatrizgpc@gmail.com

robsongarciafreire@gmail.com

CEMRI – Universidade Aberta

### Nota biográfica

*Professora Doutora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fazendo pós-doutoramento na Universidade Aberta (Porto).*

### Palavras-chave

Narrativas digitais transmidiáticas; espetáculo transmidiático; coautoria; cultura participativa .

### Resumo

A narrativa transmidiática despontou como um elemento importante para a compreensão de

novos formatos de comunicação a partir do conceito criado por Jenkins (2003). Segundo Scolari e Guerrero (2012), muitos investigadores têm incorporado os estudos sobre as narrativas transmidiáticas em suas pesquisas, uma vez que o tema é bastante atraente na era da convergência, devido ao seu caráter multidisciplinar. O objetivo deste artigo é discutir a concepção e os desdobramentos da narrativa transmidiática em Star Wars, com o lançamento da nova trilogia em 2015, em um contexto tecnológico completamente diferente da época do lançamento do primeiro filme, principalmente no que diz respeito ao uso intenso das redes sociais. A pesquisa realizada utilizou a etnografia virtual, com coleta de dados nas redes e a posterior utilização do software NodeXL, possibilitando o conhecimento sobre a relação existente entre o que foi comentado a respeito dos filmes antigos x filmes novos x universo expandido. Embora a intencionalidade na elaboração de uma estratégia transmidiática seja controversa, não resta dúvida sobre o papel fundamental dos fãs na criação do universo expandido e na divulgação de narrativas diversas, em diferentes mídias. A limitação tecnológica existente na época do lançamento de Star Wars não impediu o desdobramento da história em outras mídias: foram criados livros e quadrinhos que desenvolveram personagens pouco explorados no filme ou criaram outros que sequer foram mencionados no cinema. Os especialistas estão de acordo que Star Wars representa uma ruptura, do ponto de vista cinematográfico, com o modelo de cinema praticado em Hollywood até então, mesmo sem ser necessariamente original (VILLAÇA, 2015). O lançamento dos novos filmes em um contexto de uso massivo das redes sociais expandiu a narrativa transmidiática de Star Wars e estabeleceu um movimento de convergência entre os fãs, relacionando os elementos do universo expandido e dos filmes anteriores.

---

## Título

# A EXPRESSÃO DA REPRESENTAÇÃO VISUAL NUM PROJETO DE ANIMAÇÃO ESCOLAR

## Autoria

CASIMIRO PINTO E DOMINGOS JÚNIOR

pinto.casimiro@gmail.com

CEMRI-Media e Mediações Culturais, UAb.

## Nota biográfica

*Casimiro Pinto é Doutorando em Antropologia Visual. Investigador do CEMRI - LabAV. Professor do 2.º ciclo do Ensino Básico na Escola EB 2/3 da Torrinha - Porto.*

*Domingos Júnior é Arquiteto. Lecionou no Ensino Superior e no 2.º Ciclo do Ensino Básico.*

## Palavras-chave

Expressão visual, ensino informal, animação.

## Resumo

Esta comunicação aborda a atividade desenvolvida no Clube das Artes Visuais da escola EB 2/3 de Leça do Balio - Matosinhos. Tratando-se de uma atividade extra-curricular, o seu funcionamento partiu sempre do princípio de que o aluno aprende fazendo "coisas" que escolheu fazer e que o professor apenas serve de apoio para que ele possa concretizar essas atividades. Dito isto, como se desenvolvem as capacidades de pensar, sentir, comunicar, de fazer, enfim, em contextos lúdicos de aprendizagem?

---

## Anfiteatro . 17h30 \_ Sessão 3

Mesa: António Loja Neves, Adriana Hoffmann Fernandes

---

## Título

# REPERCUSSÕES DO CONFLITO FAMILIAR NO SUCESSO ESCOLAR, EM ORDINARY PEOPLE

## Autoria

MARIA CELESTE HENRIQUES DE CARVALHO DE ALMEIDA CANTANTE

celestecantante@gmail.com

CEMRI-Media e Mediações Culturais, UAb

## Nota biográfica

*Doutora em Literatura, Especialidade em Literatura Norte-Americana investigadora do Grupo de Investigação: Media e Mediações Culturais, professora de Inglês de quadro de agrupamento. Tem apresentado várias comunicações a nível nacional e no estrangeiro na área da Literatura e do Cinema.*

## Palavras-chave

Família, amigos, escola, conflito, afetos, equilíbrio, sucesso

## Resumo

Nesta comunicação propomo-nos abordar as repercussões do conflito familiar, identitário e relacional no sucesso/insucesso escolar. Do mesmo modo, procuramos realçar a importância

da descoberta da identidade individual enquanto fator determinante do restabelecimento da ação comunicativa, do equilíbrio relacional e do sucesso escolar. A família atravessa uma das suas maiores crises comunicacionais, daqui emergindo situações de tensão e conflituabilidade que afetam o seu normal e equilibrado funcionamento, tendo como consequência a ausência sentida dos afetos positivos, que constituem um fator catalisador de construção identitária e vivencial, suportado no equilíbrio emocional e relacional decorrente de uma relação afetiva equilibrada. A instabilidade familiar pode perturbar uma descoberta identitária juvenil, bem como o sucesso escolar, numa fase etária juvenil exigente e problemática em que os equilíbrios relacionais são fundamentais e a aprendizagem basilar na preparação para a vida ativa. Na escola assistimos a situações, cada vez mais frequentes, de conflito e de violência e ao desinteresse, cada vez maior, pela aprendizagem. Refletir sobre estas questões através do cinema parece-nos relevante, considerando que as obras cinematográficas constituem formas de representação do mundo real. Evidenciar o papel do protagonista na manifestação da importância da descoberta da identidade individual, enquanto agente transformativo e forma de motivação para uma nova atitude comunicativa e reativa, apresenta-se-nos de manifesto interesse abordar. Neste âmbito, o filme *Ordinary People*, constitui o referencial de análise que nos propomos destacar.

## Título A ARTE DO ENCONTRO: O CINECLUBE NA ESCOLA

Autoria  
LUCIANA BESSA DINIZ DE MENEZES

lucianabessa@rioeduca.net  
Universidade de Coimbra (Ceis 20)

### Nota biográfica

*Doutoranda em Estudos Contemporâneos da Universidade de Coimbra (CEIS20), coordenadora do Projeto Cineclube nas Escolas da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, professora do curso de Pedagogia da Faculdade São Judas Tadeu e tutora do curso de Pedagogia do consórcio CEDERJ (UERJ) da disciplina Imagem, Cultura e Tecnologia.*

### Palavras-chave

Arte, cineclube, cinema, cultura, educação

### Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência da rede municipal do Rio de Janeiro com a implantação do “Projeto Cineclube nas Escolas” em 2008. Por meio desse texto, buscamos provocar reflexões sobre a relação cinema e educação. E, além disso, apresentar uma metodologia de trabalho com filmes na escola, dentre tantas outras possibilidades. Por meio de três eixos – exibição/produção/formação – alunos e professores têm contato com o cinema na escola numa abordagem diferenciada. Eles são incentivados ao acesso plural de narrativas audiovisuais que visam possibilitar o desenvolvimento da sensibilidade estética, do pensamento crítico e da autonomia criativa em diferentes campos do conhecimento. O Projeto Cineclube nas Escolas é realizado pela Gerência de Mídia-Educação, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (Brasil). Atualmente, 258 unidades – entre escolas e bibliotecas escolares – participam da proposta. O projeto funciona, normalmente, no contraturno do horário de aula dos alunos. Os professores que participam como articuladores aderem voluntariamente à proposta. A formação profissional desse grupo é bem variada. Ela contempla desde o professor da sala de leitura, ao generalista (de 1º segmento), incluindo professores de História, Artes, Geografia e até mesmo de Educação Física. A ação cineclubista realizada na escola não exclui, pelo contrário, visa estimular a aproximação de alunos e professores aos bens culturais da cidade. Muitas crianças vão ao cinema pela primeira vez por meio dessa iniciativa. A ida às salas de cinema é desenvolvida em parceria com os principais festivais de cinema da cidade do Rio de Janeiro, entre eles, o Festival do Rio, Anima Mundi, Festival Internacional de Cinema Infantil (FICI), Festival Ibero-Americano de Cinema e Vídeo (Cinesul), Varilux de Cinema Francês, Mostra Cinema e Direitos Humanos. O referencial teórico utilizado para pensar as questões aqui apresentadas está referendado principalmente nos trabalhos de estudiosos do tema como Rosália Duarte e Alain Bergala.

## Título LA MEMORIA DE LA ESCUELA FRANQUISTA EN EL CINE ESPAÑOL.

Autoria  
JOSÉ MANUEL PELÁEZ ROPERO

rubeum@gmail.com  
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS)- Universidade do Minho

### Nota biográfica

*Mestrado e Doutor em História Contemporânea pela Universidade de Salamanca (Espanha), José Manuel Peláez é Bolseiro de Doutoramento da FCT no Centro de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais do CECS, na atualidade trabalha num estudo sobre a memória e a formação do público cinematográfico na*

## Palavras-chave

Escola, cinema, memória, Espanha, 1939-1975

## Resumo

Acabar com la herencia republicana. Esa fue la máxima que guió la política educativa del franquismo, y en la se aplicaron, con notoria eficacia, sus diferentes gestores. La escuela se convitió así en un centro de adoctrinamiento de control de mentes y cuerpos, tal y como recogen las memorias de quienes vivieron aquella estapa. En esta comunicación pretendemos abordar cómo el cine español ha abordado esta cuestión. Un retrato generacional, de tonos agrídulces, que oscila entre la crónica de una realidad gris y cruel, y la añoranza de la infancia perdida – y tal vez robada.

## Título

# O CINEMA NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO. ESTUDOS DE CASO

## Autoria

RAQUEL PACHECO

raquel.pacheco@gmail.com

CICS.Nova - Centro de Investigação Interdisciplinar de Ciências Sociais

## Nota biográfica

*Raquel Pacheco é doutorada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em regime de cotutela com o Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (Brasil), com período sanduíche no departamento de Educação da PUCRio, sua pesquisa de doutorado foi financiada pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/81345/2010). É mestre em Ciências da Comunicação Estudos dos Media e do Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa com diploma reconhecido pela Universidade Federal Fluminense e bacharel em Comunicação Social, vertente Cinema, pela Universidade Federal Fluminense, com diploma reconhecido pela Universidade Nova de Lisboa. É membro do CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais e do GRUPEM - Grupo de Estudo em Educação e Mídia (PUCRio). É autora do livro *Jovens, Mídia e Estereótipos. Diário de Campo Numa Escola Dita Problemática, Livros Horizontes* (2009), ISBN 978972241663 de um capítulo de livro e diversos artigos científicos. Atua desde 1996 na área do cinema e como docente/professora/formadora na área do cinema e educação e da mídia e educação. É diretora da Rede Media e Literacia.*

## Palavras-chave

Cinema e educação, educação para os media/mídia educação, literacia mediática, jovens, pedagogias

## Resumo

Nesta comunicação iremos falar sobre os principais tópicos que são os resultados da nossa pesquisa de doutoramento em Cinema e Educação. O interesse político da UE pela literacia cinematográfica, a nova Lei do Cinema e Audiovisual e a criação do Plano Nacional de Cinema (PNC) em Portugal, a nova Lei Cristovam Buarque de Cinema no Brasil juntamente com nossa experiência no campo, contribuíram para identificarmos a necessidade de que fosse desenvolvida uma investigação mais profunda na área da literacia mediática, com o foco voltado para o campo do cinema e educação. Ao longo deste trabalho pesquisamos o campo do cinema e educação, levando em consideração as realidades de Brasil e Portugal, num esforço de sistematização, clarificação, identificação e compreensão dos seus elementos essenciais e das relações entre eles. Para isso, desenvolvemos um trabalho etnográfico no campo que teve a duração de 11 meses, cinco em Portugal e seis no Brasil. Este trabalho possibilitou conhecer diferentes projetos de cinema e educação, suas metodologias, pedagogias, com que frequência eles são implementados. Analisar o papel das políticas públicas existentes na área e compreender o que adultos (normalmente no papel de coordenadores e educadores), e jovens (normalmente no papel de educandos) pensam sobre os projetos em que participam, o que é desenvolvido e o que resulta da sua implementação. É possível identificar que a maior parte dos projetos de cinema e educação não permitem que os jovens se expressem livremente, e que os mantêm presos à repetição da narrativa clássica, através de mecanismos já conhecidos e utilizados pela pedagogia tradicional. Estes projetos também não estimulam uma participação plena dos jovens e há uma ausência de reflexão e diálogo com os jovens sobre o cinema enquanto uma arte imbuída de pensamentos e questões ideológicas (feita por pessoas e/ou grupos), ou sobre os dispositivos ideologicamente construídos ao longo dos anos. Reconhecemos que os projetos de cinema e educação exibem e trabalham tecnicamente filmes que os educandos não teriam oportunidade de assistir em outra ocasião. Por sua vez, os jovens educandos declararam gostar das aulas de cinema, e que se sentem contentes por estarem a participar destes projetos. De um modo geral, dizem que depois que começaram a participar das oficinas de cinema vêem o cinema com mais atenção e com outros olhos.

## Título

# A CINEMATECA BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDO



# SOBRE O PROGRAMA CINE-EDUCAÇÃO

## Autoria

THAIS VANESSA LARA

Tha\_vlara@hotmail.com

Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP

## Palavras-chave

Cinematoteca Brasileira, educação cinematográfica, Cine-Educação

## Resumo

Esta comunicação tem por finalidade apresentar uma reflexão sobre o papel da educação na Cinematoteca Brasileira. Fundada em 1946, a instituição é importante para a história cultural do país tanto pelo seu trabalho de preservação audiovisual quanto pela difusão da cultura cinematográfica. Por meio de um relato histórico das atividades educativas desenvolvidas a partir de 1955, destacamos a criação, em 1961, do Departamento de Cinema Infante-Juvenil e analisamos a retomada, em 2005, das ações direcionadas à educação cinematográfica. Nesta perspectiva, analisamos a organização do programa Cine-educação que tem como objetivo atender o público escolar, inserindo o audiovisual no ensino, por meio da experiência de ir ao cinema e do acesso as informações sobre a linguagem cinematográfica para professores e alunos. Utiliza-se como fonte a bibliografia sobre a Cinematoteca Brasileira, além do material didático elaborado para o programa Cine-educação.

# 13 de Maio

## Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

## WORKSHOP

## POR DENTRO DO FILME – COMO LER UM FILME

### Anfiteatro . 09h30

#### Apresentação

Um filme é um objeto artístico que pressupõe ferramentas de análise para a sua interpretação.

Através de excertos de filmes e de Fichas de leitura, pretende-se promover a descodificação fílmica, nas vertentes narrativas e formais, contextualizando as obras no universo da História do Cinema e das outras Artes.

#### Objetivos

Implementar a análise fílmica

#### Duração

4 Horas

#### Número de Participantes

20

#### Público-alvo

Professores do Ensino Básico e Secundário (confere Acreditação)

Estudantes do Ensino Superior

Interessados na literacia fílmica

#### Formadoras

Isa Catarina Mateus

Graça Lobo

#### Nota biográfica

*Isa Catarina Mateus, licenciada em Estudos Portugueses- ramo de especialização científica pela Universidade do Algarve (1998); Parte Curricular do Mestrado em História de Arte Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa (2000). Curso de Educação Musical e piano, pelo Conservatório Regional do Algarve (1992).*

*Fez rádio. Foi membro fundador do projeto RADIX no Ministério da Cultura. Foi coordenadora editorial da Revista Sul. Integrou a equipa de Formação Artística, na área da Literatura e da Escrita no Programa Da minha janela vejo um monumento da Direção Regional da Cultura do Algarve.*

*Docente do Ensino Básico (ED. Musical; História e Geografia de Portugal) e do Ensino Superior (Movimentos Artísticos Contemporâneos); Formadora com CAP e acreditada pelo CCPFC (Literatura, Comunicação Visual, Fotografia e Vídeo; História da Arte e Tecnologias Educativas – Meios Audiovisuais); e Autora de materiais pedagógicos em vídeo para a unidade curricular de picanálise da Universidade do Algarve.*

*Coordenadora da Formação do Plano Nacional de Cinema, Formadora das Ações de Formação de Iniciação, de Continuidade e de Acompanhamento de professores e Autora dos materiais*

*pedagógicos do PNC (2012-2014).*

*Colaboradora e autora de materiais pedagógicos em DVD-vídeo do Programa Juventude/Cinema/Escola da Direção Regional de Educação do Algarve desde 2004 e formadora das ações de formação de professores.*

*Autora e dinamizadora do Projeto VER para LER da Direção Regional de Educação do Algarve.*

*Tem feito comunicações na área da História de arte e na área das literacias artísticas. E publicado poesia e conto.*

*Graça Lobo, é Mestre em Gestão Cultural com Tese em Formação de Públicos para o Cinema.*

*Foi Coordenadora do Grupo de Projeto do Plano Nacional de Cinema, nos anos de 2012/13 e 2013/14.*

*É coautora e Coordenadora do Programa Juventude/Cinema/Escola da Direção Regional de Educação do Algarve desde 1997/98. É coautora do Programa da Disciplina de Opção de Cinema do 3º ciclo do Ensino Básico.*

*Foi Professora do ensino Secundário e do ensino Básico entre 1975 e 1997 e professora supervisora na Formação de Professores da Escola Superior de Educação do Algarve de 1993 a 1996.*

*Foi Professora convidada pela Universidade do Algarve para lecionar disciplinas de Cinema entre 1994 e 2001.*

*É Formadora acreditada pelo Conselho de Formação Contínua de Professores, tendo realizado dezenas de ações de Formação em Literacia Fílmica, desde 1999.*

*Foi vice-presidente do Cineclube de Faro de 1996 a 2008. Coordenou várias publicações na área do cinema.*

*Tem feito Comunicações em Congressos Nacionais e Internacionais.*

## MESA REDONDA CINEMA E EDUCAÇÃO

Anfiteatro . 14h30

**MANUEL JACINTO SARMENTO** (Universidade do Minho),

**LUIZA MONTEIRO** (pós-doutoranda na Universidade do Minho)

**ISA CATARINA MATEUS** (Coordenadora da Comissão de Formação do Cineclube de Faro),

**GRAÇA LOBO** (Técnica Superior do Ministério da Educação/Coordenadora do Programa Juventude, Cinema, Escola)

**CASIMIRO PINTO** (CEMRI-Media e Mediações Culturais, UAb)

**JOSÉ DA SILVA RIBEIRO** (Universidade Federal de Goiás e CEMRI-Media e Mediações Culturais, UAb)

**RAQUEL PACHECO** (Rede Media e Literacia)

**ADRIANA HOFFMANN FERNANDES** (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

A mesa redonda Cinema e Educação pode ser abordada a partir de múltiplos pontos de vista, mas sobretudo a partir de múltiplas experiências. Não propomos uma tese que os participantes ilustram com as práticas desenvolvidas em seus percursos, mas os testemunhos e a reflexão crítica e criativa acerca dessas práticas. Apontamos três linhas de orientação para o debate. Na primeira pretendemos juntar experiências e reflexão sobre como o cinema observou e expôs a escola os seus atores, os processos educativos, os conflitos, a ligação à sociedade. Na segunda linha de reflexão propomos o debate em torno do cinema como produção cultural e artística, como outra forma de conhecimento, como outra forma de ver o mundo, como outro discurso. Como este entra na educação e nas práticas desenvolvidas na escola? Finalmente, com o acesso generalizado às tecnologias de registo de imagem e de som, aos softwares de edição e a conseqüente libertação de constrangimentos económicos e políticos, interrogamo-nos sobre o filmes de pesquisa em educação, as produções realizadas pelos alunos, a partilha nas plataformas e nas redes sociais. Que práticas e que questões éticas e políticas são levantadas por estas produções? A reflexão crítica e criativa acerca de Cinema e Educação não se limita à escola, nem a estados etários identificados com populações mais jovens (escola básica e secundária) mas extensível à universidade, à formação dos professores, aos pais e educadores.

# XVI ENCONTROS DE CINEMA VIANA 10 A 15 MAIO 2016

## 5.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA DE VIANA

<http://ao-norte.com/>



AO NORTE



FICA NO CORAÇÃO



Ministério da Educação  
Escola Superior  
de Educação



ABERTA  
www.aberta.pt



CENTRO DE ESTUDOS DE  
INVESTIGAÇÃO EM  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
UNIVERSIDADE ABERTA



Instituto de Estudos  
Culturais do Porto



UFG



arte e cultura  
visual  
programa de pós-graduação



FACULDADE DE ARTES VISUAIS UFG